

22/12/2023 15:13:11 - AE NEWS

## ESPECIAL: EMPRESAS PERDEM VALOR NA B3 APÓS DESASTRES AMBIENTAIS, MAS MESES DEPOIS SE RECUPERAM

Por Carolina Maingué Pires

São Paulo, 22/12/2023 - Os desastres ambientais protagonizados por empresas de capital aberto não passam em branco no mercado de ações. Assim que a notícia vem à tona, o investidor penaliza a companhia - ora por ter clareza sobre as perdas materiais e reputacionais causadas pela ocorrência, ora pela imprevisibilidade dos efeitos dos fatos sobre a empresa.

Dados mostram, porém, que o mercado perdoa. Não costuma demorar até que investidores voltem a comprar ações das companhias envolvidas na tragédia. Foi assim nos rompimentos de barragens da Vale e da Samarco e está sendo assim com a Braskem, cujo papel recuperou nesta quinta, 21, a cotação com que era negociado antes de a Prefeitura de Maceió decretar estado de emergência em 29 de novembro.

### Mina em Maceió

A sessão na B3 já tinha fechado quando se espalhou a notícia de que Maceió ficaria sob alerta por 180 dias em função do risco de colapso da mina 18, operada pela Braskem, no bairro do Mutange. A ação mais líquida da companhia, a PNA, fechou aquele pregão cotada a R\$ 20,45, uma alta de 2,25% sobre o preço da véspera. A partir de 30 de novembro, contudo, foi perdendo valor até chegar, em 12 de dezembro, na cotação de R\$ 16,77, a menor desde o decreto da Prefeitura.

A maior baixa veio depois de a Defesa Civil informar, no último dia 10, que parte da mina 18 se rompeu, confirmando os temores. Mas desde então, o papel da Braskem começou a ensaiar altas novamente. Ontem, 21 de dezembro, ultrapassou inclusive o patamar de antes do estado de emergência e liderou os ganhos do Ibovespa, principal índice da Bolsa brasileira, na cotação de R\$ 21,05.

Fabio Alperowitch, fundador da gestora de fundos de investimentos Fama re.capital, acredita que, ainda que as ações se recuperem em seguida, episódios do tipo mexem com o mercado por conta do medo de que as operações das empresas sejam prejudicadas. “O mercado só trabalha com cifra. No momento do desastre, faz uma conta, certa ou errada. É difícil precificar tudo o que está envolvido de um dia pro outro”, diz ele.

Já Luciane Moessa, ex-procuradora do Banco Central e fundadora da organização Soluções Inclusivas Sustentáveis (SIS), avalia que os valores de possíveis multas e bloqueios relacionados a esses desastres são “ínfimos” perto do porte das empresas. Para ela, a reação inicial negativa do mercado se deve à “evidência de que as companhias não tinham gestão responsável dos riscos”.

Ambos os especialistas defendem que investidores atuem preventivamente. Alperowitch lembra que a questão da Braskem não é nova. Em 2018, foram constatados tremores e rachaduras em imóveis no bairro Pinheiro, na capital alagoana, e estudos conclusivos apontaram a extração mineral de sal-gema pela petroquímica como responsável pelos danos, segundo a assessoria de imprensa do Ministério Público Federal (MPF).

### Grandes investidores

Luciane Moessa chama atenção para o fato de que os maiores investidores de grandes empresas no País são PJs ou investidores institucionais, que possuem influência nas decisões. Nesse sentido, ela defende uma corresponsabilização pelos riscos.

26/Dez/2023 19:03

"É muito difícil ver um investidor institucional que não tenha a Vale ou a Braskem no portfólio. São investidores que têm voz e escolhem pessoas para os conselhos de administração dessas companhias", diz a fundadora do SIS, que criou a iniciativa a fim de contribuir para uma melhor relação do mercado financeiro com a agenda de sustentabilidade.

Ela lembra que, no caso da Vale, um dos maiores acionistas é a Previ, fundo de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil. A Previ detém 8,71% da mineradora, segundo o site da própria empresa. É a maior parcela entre os acionistas que possuem mais de 5% do capital acionário.

"Como eu vou saber quais são os impactos das operações se eu não sei onde elas estão se eu não pedir mais informações? Investidores precisavam ter identificado que a Vale tinha barragem em Brumadinho com risco de rompimento. Precisavam ter estudado as operações mais detalhadamente", provoca, lembrando do segundo grande desastre ambiental causado pela mineradora em 2019.

Ela diz que a Vale já tinha provisões - isto é, já tinha montantes financeiros reservados - para o caso de rompimentos, com base no quanto custaria indenizar as famílias pelas mortes. "Isso é muito chocante."

### **O que o mercado aprendeu com a Vale**

Em 5 de novembro de 2015, a barragem de rejeitos do Fundão, da Samarco, se rompeu entre os municípios de Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais. A assessoria do MPF divulga que o desastre, que hoje se sabe ter deixado 19 mortos, aconteceu por volta das 15h30, mas foi só no final do dia que a imprensa começou a noticiar ativamente o rompimento. Mesmo sem o fato ter sido amplamente divulgado, a ação ordinária da Vale, que controla a Samarco junto com a BHP Billiton, fechou cotada a R\$ 16,95, de R\$ 17,40 no fechamento anterior.

No pregão seguinte, em 6 de novembro, o papel terminou em R\$ 15,67, uma baixa de 7,5% em relação ao preço da véspera e de 9,9% em relação ao preço do dia 4, anterior ao desastre. A ação passou algumas semanas rondando os patamares entre R\$ 10 e R\$ 15 e, em 12 de janeiro de 2016, caiu para apenas um dígito, fechando o pregão a R\$ 9,41. Porém, quatro meses depois do derramamento de lama, em 7 de março de 2016, o papel passou a valer mais que R\$ 17 de novo, a R\$ 17,58.

Em 2019, a população de Minas Gerais acreditou viver uma espécie de déjà vu, mas o mercado acionário demorou um pouco mais do que quatro meses para perdoar a Vale dessa vez. O rompimento da barragem de Brumadinho - que deixou 270 mortos - aconteceu em 25 de janeiro, uma sexta, dia do aniversário de São Paulo.

Ainda que o feriado paulistano tenha deixado a Bolsa brasileira fechada, as notícias citam que o American Depositary Receipt (ADR) da mineradora - espécie de certificado com lastro nas ações da empresa negociado em Nova York - fechou com queda de 8,08%, a US\$ 13,66.

Na B3, um dia antes, 24 de janeiro, o papel valia R\$ 56,15. No próximo dia útil que sucedeu o desastre, 28 daquele mês, a ação da Vale sofreu uma queda forte de 24,5% e fechou o pregão cotada a R\$ 42,38. Foi em 17 de janeiro de 2020 que a ação conseguiu ultrapassar os R\$ 56 novamente, tocando R\$ 57. Ou seja, quase um ano depois, voltou a valer mais do que no dia anterior à tragédia.

Contato: [carolina.pires@estadao.com](mailto:carolina.pires@estadao.com)